

VIDAS PRETAS

Crônicas sobre histórias de vida e superações
de mulheres negras no Amapá

Anália Ramos Barreto

ANÁLIA RAMOS BARRETO

VIDAS PRETAS

**Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres negras no
Amapá**

MACAPÁ – AP

2018

BARRETO, Anália Ramos

Vidas pretas: Crônicas sobre histórias de vida e superações de mulheres
negras no Amapá/

Anália Ramos Barreto. – 1º Ed. – Macapá – AP, 2018

FICHA TÉCNICA

Autora: Anália Ramos Barreto

Fotografia: Anália Ramos Barreto

Orientação e Revisão: Roberta Scheibe

Diagramação: Criles Monteiro Ramos

Para todas as mulheres fortes que já tive o prazer de compartilhar a vida...

Especialmente, à minha mãe, Maria Bernadete, a mulher que mais amei em toda a minha história;

Depois, à minha bisavó, Raimunda Ramos, por quem nutro profundo carinho;

E ainda, à minha tia-madrinha, Ana Palmeirim, que primeiro me carregou no colo e que agora reciprocamente me carrega no coração.

AGRADECIMENTOS

Existem grandes diferenças entre ser negra e reconhecer-se negra. Nasci negra, mas aprendi a reconhecer-me uma menina e depois uma mulher negra com minha mãe, Maria Bernadete Ramos, por isso, a agradeço imensamente, primeiro por ter me dado a vida, segundo por ter me ensinado que vidas negras importam e terceiro por me inspirar a escrever sobre mulheres negras e me acompanhar nesta produção. Agradeço também todas as mulheres que emprestaram suas histórias para compor as narrativas aqui descritas, sem elas, nada disto seria possível. Agradeço todos aqueles que me abraçaram amorosamente durante meu processo de produção, aos que trouxeram uma palavra amiga nos momentos de desmotivação e que confiaram no meu potencial. Por fim, porém não menos importante, agradeço carinhosamente a Prof^a. Dr^a. Roberta Scheibe, por ter aceitado fazer parte deste projeto, orientando-me a aperfeiçoá-lo quando necessário.

À Deus, agradeço e dedico minha vida.

SUMÁRIO

- 06** Prefácio
- 10** “A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz”.
- 14** Um quarto para quatro
- 18** Nesta noite farei diferente: o conto de um canto de luz
- 21** “Ela desatinou, desatou nós, vai viver só...” (Francisco, el hombre)
- 26** “O Sistema pode até me transformar em empregada, mas não pode me fazer raciocinar como criada” (Yzalú)
- 29** Pertencer ou não pertencer? Eis a questão
- 32** O meu pó não sai!
- 35** “Gritaram-me negra”, e nesses gritos nunca houve amor.
- 39** Deu tudo errado...
- 43** Nem negra eu era...
- 47** A Felicidade é simples
- 50** Reza
- 53** Se mal me queres, bem me quero
- 56** Agora eu posso ser feliz
- 60** Meu nome é Dica, Dica do Santo

PREFÁCIO

Ainda quando criança, lembro de assistir na televisão a novela “Xica da Silva”. Não eram todos os dias que minha mãe permitia que eu assistisse à ficção, justamente porque a realidade representada ali já me causava muita angústia. O retrato da escravidão não me parecia distante, minha bisavó era uma negra da pele retinta, minha mãe e seus irmãos também eram negros e eu, assim como eles, completamente provida de melanina. Minha mãe sempre foi uma figura importante no meu processo de aceitação para comigo mesma e minhas características negroides. Meu nariz que é “chato”, como costumamos ouvir, sempre foi elogiado na minha casa. Meu cabelo “tinha cachos lindos” e ainda assim houveram momentos em que tive completa resistência a minha aparência.

Após encontrar e conviver com outras mulheres negras que não eram as da minha família comecei também a entender que todas as problemáticas que envolviam “mulheres e raça” não era um problema só meu.

Estávamos, eu e as outras que compartilhei alguma experiência, quase sempre sujeitas à pobreza, à desigualdade, à solidão afetiva, à negações em espaços de fala, à exclusão nos espaços de poder ou mesmo nos espaços que deveriam ser nossos por direito, como a educação.

Quando iniciei esse trabalho, pensei em como nós, enquanto mulheres negras, estamos sempre superando algo. Primeiro porque somos mulheres e logo estamos ou estaremos condicionadas a uma lógica patriarcal que acaba por doutrinar ambos os gêneros para que homens gozem do complexo de superioridade. Segundo porque somos negras, o que significa que o enfrentamento a violências simbólicas e sociais também serão

garantidas.

Os processos de luta aqui apresentados são cotidianos, são histórias de vida reais, as pessoas são reais, as dores foram reais e os movimentos de superação também. Tive com essas quinze mulheres a oportunidade de perceber o quanto a vida ainda nos é difícil, para algumas, muito mais difícil do que foi para mim, e o quanto lutar é preciso, mesmo que não se tenha consciência de que alguns pequenos atos são grandes batalhas.

Conto suas vidas em primeira pessoa, como se fossem minhas histórias também, mas nem se eu as ouvisse todos os dias da minha vida seria capaz de mensurar ou reviver suas experiências. Vez ou outra pude ter a honra de me identificar com seus sentimentos e perceber que vencer na vida é mais do que ascender socialmente.

Talvez você questione a relação entre o nome do livro e o conteúdo das crônicas. Mas não há problema nisto, juntos iremos compreender sobre o que se trata o “Vidas Pretas”. Se você me perguntar se todas as histórias aqui contadas envolvem racismo, lhes direi: não. Entretanto, todas as mulheres que viveram essas histórias são negras e ser negra significa carregar um fardo de dor ou de luta redobrado, justamente porque, como Gayatri Spivak defende na obra “Pode o subalterno falar?” (2010), ser mulher por si só já traz consigo heranças do patriarcado e do colonialismo, agora, quando se é uma mulher negra, as heranças do colonialismo também lhe pertencerão.

As violências simbólicas as quais mulheres negras estão sujeitas saem da esfera da cor, mas nunca deixam de se relacionar com ela. Primeiro porque grande parte dessas mulheres não é economicamente abastada, isso poderia ser um problema de qualquer mulher? Poderia, mas foram as mulheres negras que ao final da escravidão foram deixadas sem nenhuma

condição de trabalho e moradia, conseqüentemente sem condições digna de sobreviver.

Tudo isso significa dizer que violência, seja ela qual for, quando aplicada à corpos negros, sempre terá um pesar maior, porque os indivíduos que carregam esses corpos, são historicamente excluídos e marginalizados pela sociedade. Como já diz Elza Soares, mulher negra e vítima de violência doméstica, no álbum *Do Cóccix até o pescoço* (2002), “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Pois bem, escrevi quinze crônicas em primeira pessoa sobre grandes histórias e grandes pessoas, entretanto, trabalhamos juntas, enquanto eu sentava e ouvia, elas abriam-se para mim, geralmente estávamos em seus ambientes, suas casas, seus quartos, seus pátios e suas salas.

Todas as vezes que voltei com o escrito senti que tinha cumprido meu dever porque minhas queridas personagens da vida real me recebiam com gratidão, por vezes, lágrimas caíram de nossos olhos e talvez agora aquelas que não acreditavam ter vencido tenham mais orgulho de suas trajetórias.

Espero que você, ao ler esses pedacinhos de vida aqui presentes, pense também em como a sua caminhada teve momentos bonitos, e em como nós mulheres, negras ou não, matamos um leão todos os dias e por isso, podemos cultivar amor por quem somos e merecemos que nossos esforços sejam reconhecidos. A vida é muito mais do que sobreviver.



Ana Maria Palmeirim Ramos é natural e residente de Macapá- AP, formou-se na primeira turma de Secretariado Executivo pela Universidade Federal do Amapá, em 1991, tem 52 anos, é mãe de três meninas e atualmente é servidora pública do Estado do Amapá. A palavra que mais cativa Ana para auto definir-se é “liberdade”.

“A CANDEIA DO CORPO SÃO OS OLHOS; DE SORTE QUE, SE OS TEUS OLHOS FOREM BONS, TODO O TEU CORPO TERÁ LUZ”. MATEUS 6:22

Começo essa história que conto como se fosse minha saudando a singularidade dos seres, humanos ou não, percebo na minha jornada que cada corpo é um universo e isso, por muitas vezes, pode ter sido minha salvação.

O meu jeito ímpar de pensar e sentir o mundo hoje é sereno, já foi pequeno, já foi veneno, mas agora é redenção. Os primeiros universos que percebi na vida foram os de meus pais, meu pai mostrava-se um jovem sonhador, inquieto com o destino que a vida lhe deu, fazia-se um homem sábio e muito educado, era em seus gestos que eu sentia quem estava a caminhar, não havia a necessidade da fala. Enquanto isso, minha mãe mesmo muito menina, mostrava-me sem estudo algum um amontoado de filosofias. Os dois fazem até hoje parte de mim, não só por eles, mas também por causa deles, meu jeito ímpar é assim.

Minha mãe, desde cedo me dizia: “a riqueza do pobre é o estudo”, “teu marido é teu emprego”, frases que me apeguei durante a vida toda, mesmo que tenha sido uma tarefa difícil fazer com que estudar se tornasse um relacionamento sério.

Mas por que seria tão difícil assim estudar para uma criança nos anos 70? Para responder essa pergunta precisarei contar um pouco mais

sobre quem eu sou: você não precisa saber meu nome, me chame de Maria, me chame de Ana, ou de Raimunda se você preferir. Nos anos 70, eu fui uma criança pobre, negra, nascida e criada no norte do país (diga-se de passagem, a região menos desenvolvida do Brasil), muitos dias me faltou tudo, mas eu me segurei no meu mundo e segui nessa estrada.

Topei algumas vezes no caminho, a pobreza gera muitas coisas, e em mim ela reverberou traumas severos. Aos 29 anos minha mãe tinha trazido ao mundo 7 filhos, e na terceira década de vida dela e primeira minha, começou uma era de descuidos comigo, não a culpo, pois ninguém pode ser forte o tempo todo, enquanto isso, meu pai sonhava por lugares que nem eu mesma sei. Mas como tudo na vida tem consequências, o descuido que vivi abalou completamente a relação com a educação que eu havia conhecido no início de minha existência.

Caminhava até a escola todos os dias, mas sentia que o rumo que eu estava tomando não tinha direção, de professores a alunos a sensação que eu tinha era a mesma: indiferença. Ir para a escola estava se tornando tão agressivo que o meu caminhar estava a um passo de olhar para as portas do conhecimento e ignorá-las.

Mas a vida e as surpresas que ela nos proporciona aprontou uma para mim, e vejam só, uma boa! Encontrei tão pertinho de mim um refúgio, fui dada através de um bilhete, ou uma carta de salvação, para um casal de velhinhos que me amaram e cuidaram de mim o quanto puderam, exatos dois anos. Eram eles meus tios-avôs.

Foram dois anos essenciais na minha história, porque nesse tempinho, com esses dois senhores, eu reaprendi o que era ter autoestima e autoconfiança. Em uma escola a poucos passos de casa o gosto prazeroso da leitura foi despertado em mim e nesse momento eu percebi que o peso

que carregava nos ombros tinha jeito, e que estudar me traria muitos feitos.

Meus anjos de luz foram para o céu e outra batalha se iniciaria na guerra que eu já travava desde que pisei no mundo. Novamente, pessoas más me atravessaram o caminho. Registrei bem o dia que não pude ler “Seleções Raras” em uma casa que eu morava, simplesmente porque o que me dava prazer era ler, e prazer era um tesouro que nem todos podiam ter.

Minha presença no mundo sempre foi sentindo muito medo. A insegurança e a timidez me assolavam, os traumas faziam com que eu me escondesse do convívio social e tudo corroborava para que eu fosse um nada, ou mais uma maria jogada no vento.

Certo dia, depois de muito sofrer, peguei meu buquê de dores e resolvi que dali em diante todas as batalhas iria vencer. Ser subalterna deixou de ser opção para mim, comecei a me destacar porque aprendia muito rápido e realizava o que me era orientado com excelência. Ora, ora descobri que em mim também havia inteligência.

Fui mãe aos 19 anos, mas isso não foi motivo para que eu decaísse, agora eu tinha a minha vida e uma outra, tão valiosa quanto uma pedra de rubi bruta, que precisaria das minhas mãos para ser lapidada. E depois mais outras duas, todas pedras preciosas.

A história que vos conto não tem término, isso porque ainda vivo, travo batalhas diárias, resisto, aprendo e me reinvento. Aprendi muito nessa estrada, algumas coisas talvez eu guarde comigo para todo o sempre, outras talvez eu deixe para trás porque não são mais minhas verdades. Mas a única coisa da qual não irei me desprender é a que me fez vencer: a educação é o motor da vida, é o que move o mundo e foi o que me moveu.



Cleonice da Silva Ramos, também conhecida pelos amigos como “Cleia”, tem 43 anos e é remanescente do Quilombo do Mel da Pedreira, no interior de Macapá- AP. Com Depressão, Dona Cleia enfrentou muitas batalhas na vida e acredita ter vencido todas, por isso, se auto define como “vencedora”.

UM QUARTO PARA QUATRO

Era um quarto para nós quatro: estávamos sempre muito pertinho uns dos outros, os olhos dos outros três sempre me acompanhavam, e quando o desespero batia em minha porta, um deles gritava “fica calma, mãe”. Eram três crianças e eu, eles amadurecendo prematuramente e eu reaprendendo a viver.

O início: aos trinta e três anos, meu corpo já estava cansado como quem havia vivido uma vida inteira, eu já tinha três filhos e era mãe solteira. Trabalhava dia e noite, noite e dia, cinco dias da semana em duas casas de família, saía de uma e já migrava para outra, e era desse jeito que eu alimentava essas quatro bocas.

Enquanto eu cuidava dos filhos dos outros, os meus se cuidavam sozinhos, eu dizia o que era para fazer e eles cumpriam direitinho, mas deixá-los dormindo ao amanhecer e encontrá-los pela boca da noite quase adormecidos me deixava angustiada, eu trabalhava, trabalhava, e não era recompensada.

Viver para trabalhar foi me adoecendo, e mesmo que eu percebesse, que sentisse meu corpo desfalecendo, eu nada podia fazer, a não ser continuar na lida que era sustentar a minha família. Acontece que a gente não tem poder sobre tudo, e quando mais achamos que estamos no comando, algo acima da gente nos para ou nos impulsiona.

Algo parou-me: doença comum no Brasil, 150 mil casos por ano,

Acidente Vascular Cerebral, dificuldade na fala, dificuldade de locomoção, dependência, depressão. Primeiro não tive forças para levantar porque meu corpo não atendia, depois não tive forças para levantar porque minha mente não atendia. Eu estava frágil, e nós éramos quatro.

Ela+eu+duas crianças = quatro crianças. A soma é bem simples, eu não respondia mais por mim, aprendia novamente a falar, a andar, e acima tudo isso aprendia a socializar novamente e a não ter medo da vida, nessas últimas duas tarefas, falhei algumas vezes.

Ela, com doze anos, tornou-se mãe dos seus irmãos e mãe da sua mãe. Tínhamos apoio externo, fui amparada pela Igreja, pela família e pelos amigos, mas nada se comparava a uma criança que havia se disposto a lutar pela minha vida e pela vida dos irmãos, assumiu trabalhos domésticos mundo afora e trouxe para casa nossos pratos de feijão.

Eu tinha muito medo de deixá-los e o medo que eles tinham de me perder era visível nas companhias feitas nas madrugadas, olhos alertas, “mãe você tá bem?”, era isso que me confortava, que me dava forças pra tentar ir além.

Numa vida de tentativas eu fui melhorando, ainda era um quarto para quatro, mas já dormíamos a noite inteira, eles cresciam cada vez mais rápido e ajudavam ela, a dona da responsabilidade, a cuidar das nossas vidas, como nos nós de uma rede, um segurando o outro até que todos estivessem em pé e em equilíbrio.

Quatro quartos para quatro: aos quarenta e quatro anos movimento-me pela vida, já sou novamente a dona da responsabilidade, alguém que trabalha, que venceu a depressão pelos filhos e com a ajuda deles, ela, agora é minha filha de novo e não mais minha mãe, sou sorridente, tenho em mim muita felicidade e nos quatro quartos tem corações de muita fé,

sou grata pela vida que Deus me deu e não mudaria a minha história, porque no final, eu tenho muitas guerras vencidas para contar.

Eu não os abandonei, eles não me abandonaram, Deus não nos abandonou.



Tania Fatima Leal da Silva tem 21 anos, é cantora, acadêmica de Letras na Universidade Federal do Amapá, ativista do movimento feminista e do movimento negro. “Tani”, como é conhecida, diz aplicar a militância no dia a dia. Curiosa para conhecer a si mesma e a cada dia um pouco mais sobre o mundo, a jovem artista se auto define em uma palavra como “busca”.

NESTA NOITE FAREI DIFERENTE: O CONTO DE UM CANTO DE LUZ

Hoje serei trovador e cantarei minha dor em forma de luz

Já fazia um tempo que minha voz ecoava pelos lugares

Feito um escudo de vento, feito presente do tempo, feito um brasão de mim.

Eu sou grande, mas ainda sou menina, moleca entre os meus e surpresa entre os que habitam realidades sórdidas e longínquas a minha.

O meu escudo é intrigante para quem jamais espera que uma menina, negra ainda por cima, seja falante, faça versos gritantes e deixe os raios do sol entrar.

Nesta noite farei diferente, não serei uma figura ausente e meu tambor vou fazer rufar.

Os homens que não me esperavam naquele lugar serão abençoados pela melodia da vida que nos presenteou minha mãe Yemanjá.

Minha riqueza é negra, meu caminho é forte, regado de luz e águas, sejam elas, cristalinas, turvas, salgadas ou doces, meu Deus está em tudo que é vivo e não tolera maldades com os seus.

Nesta noite farei diferente, não amarei reis onipotentes, serão as rainhas que o meu canto de Iara irá cativar.

A maré nem sempre é mansa e ela impôs alguns desafios para mim que decidi enfrentar sem medo, as vezes minha canoa balança, mas não vira.

O meu canto amansa a maré e me amansa, gera dança e gera festa dentro de mim.

As rainhas que conquistei dançam comigo como presentes magníficos que cuido sem pestanejar.

Eu não sou coerente a regras más que me regem esse mundo, por isso, os reis resmungam e não gostam de mim.

Mas, nesta noite farei diferente, e o meu canto fugaz invadirá todos os reinos, eu tomarei o poder junto as minhas rainhas, nós seremos as leis, nós seremos o vento, nós seremos a luz, saudaremos a rainha do mar, e viveremos a vida sem medo de transitar em qualquer outro bosque que não haja melanina presente.

Nesta noite corpos pertos e femininos serão felizes, livres e reverberarão paz.



Joyce Mariele Ramos Lobato tem 34 anos, é graduada em Direito, e tem como ofício profissional a Polícia Militar do Amapá. Mãe de um menino, Joyce se auto define como uma pessoa “resiliente”.

“ELA DESATINOU, DESATOU NÓS, VAI VIVER SÓ...” (FRANCISCO, EL HOMBRE)

Filho de peixe, peixinho é? Nem sempre, talvez algumas crias virem tubarões. Em um mundo onde homens criam homens para ser lei, eu nasci sentenciada a discordar, primeiro porque não fui cria de um homem, meu referencial de vida, força e caráter estava completamente ligada a uma figura feminina.

Essa figura é minha mãe, uma mulher guerreira que sempre lutou pelos seus ideais e nunca se deixou abater pelas dificuldades. Eu fui filha de mãe solteira, uma mãe que me foi mais do que suficiente, que cumpriu todos os papéis que deveria e até mesmo os que não deveria. Nasci quando essa figura que tenho como exemplo tinha apenas dezenove anos, sem aparato financeiro, logístico ou mesmo afetivo. Com amor, amizade, e muitas contendas, minha história começa aqui: crescemos, lutamos, e ainda lutamos juntas.

O movimento do mundo sempre foi difícil, para mulheres mais ainda, por vezes também foi cruel, e preparar alguém para a guerra que é viver nem sempre é uma possibilidade. É provável que minha mãe, na sua realidade forte, tenha me preparado para enfrentar guerras financeiras, afinal fazíamos parte da numerosa população pobre do Brasil, mas as guerras emocionais não estavam dentro do pacote de proteção, essas eu perdi e venci com as oportunidades que a vida me proporcionou.

GUERRA DE N°I: Cedo demais.

A Guerra de n°1 foi a da responsabilidade, a venci muito cedo e como resquício dela ganhei vários metodismos, virei eu mesma e dei forma a minha própria existência. Geralmente aos 18 anos as pessoas estão vivendo a adolescência de forma plena, mas eu nesse momento estava na agitação de trabalhar de forma bem-sucedida e amar. Dicotomias do meu ser, seria mesmo eu uma pessoa adulta?

Eu sabia que só se tinha uma vida adulta quando se alcançava a maturidade, mas eu era uma garota responsável e isso me fazia acreditar que eu era detentora de uma maturidade que não existia de fato.

GUERRA DE N°II: A lei dos homens.

Dizem que se há sorte no amor, há azar no jogo, mas não é sempre que acredito no que dizem e meu otimismo me diz que no amor o começo é sempre bom, já no jogo, o triunfo diz respeito a inteligência. Amei bem e fui bem-amada, mas como tudo o que é bom dura pouco, certo dia me vi entre a cruz e a espada.

Em 2002 o Brasil foi pentacampeão, o Partido dos Trabalhadores ganhava a nação e eu encontrava o primeiro namorado, nessa época, se entregar de corpo e alma a uma relação ainda não era coisa do passado. Me entreguei.

Éramos dois e não um: a norma padrão diz que mulheres devem ser submissas a homens, a figura masculina deve ser respeitada e servida, mas como já disse, nem sempre sigo o que dizem, nem sempre creio na norma padrão. Causou incômodo e sofrimento à dois, afinal, não éramos um.

Mas eu o amava, e um dia me disseram que quem ama muda, eu mudei, e entre muito amor e descontentamento ia me adequando a receita

do comportamento feminino que esse homem fruto de uma sociedade má com mulheres colocava para mim. Meus incômodos continuavam existindo, mas eram anulados por muitas tentativas de fazer dar certo.

Não era tão absurdo sentir um amor vigoroso por alguém que eu também percebia que me amava, que cuidava de mim, e que seguia todos os requisitos básicos para ser um príncipe, “provedor da casa, trabalhador, uma pessoa boa”, digno do ser dono do meu coração, indigno de ser dono de mim.

GUERRA DE N°III: O Elo.

Por descuido, ou por obra de Deus, em 2006 recebi um tesouro direto dos céus. Agora deixávamos o ciclo do namoro e entrávamos numa fase familiar: eu, ele e o nosso filho. O que seria mais valioso do que uma vida que trouxemos ao mundo juntos? Não existia nada mais valioso do que essa vida que se tornaria um elo entre nós dois. Por algum tempo acreditei fielmente nesse amor à três.

Mas ele, incansável fruto do patriarcado, se tornava cada vez mais dominador, e agora minha existência se resumia a ser esposa e mãe, nunca amiga, filha ou irmã. O meu papel era servi-lo, não como uma empregada que faz trabalhos domésticos, mas como um objeto que ele possuía propriedade.

A inquietude do meu ser aumentava toda vez que inconscientemente eu me sentia violada, ou talvez consciente. Mas a vida é cheia de, “mas”, e eu tinha o elo, não éramos um, éramos três. Esse elo fez com que eu fosse atrás de algo para entender o que estava a acontecendo.

Toda mudança ocorre através do conhecimento, e eu, estudando, percebi que não era vilã e sim a vítima. Comecei a romper as barreiras da dominação, mas o enfrentamento gerou mais violência, e agora eu

também era louca, até porque, quem não iria querer um homem tão bom, responsável e comprometido com a família como ele? Eu era louca.

A GUERRA DE N°0: Liberdade.

Zerei o cronometro. Entre tantos anos, tantas tentativas, idas e vindas, esperei que a vida a três se refizesse, mas ela não se refez. Ele, com tantas promessas não mudou. Me vi obrigada a escolher entre o elo e a liberdade, agora posso ir, vir, chorar, sorrir, pensar e viver ao meu jeito, às minha normas (não padrão), agora sou paz.

O amor não é posse: o elo faz falta, o abuso não.

*“Eu não me vejo na palavra
Fêmea: alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar”
(Triste, Louca ou Má)
Francisco, El Hombre.*



Maria Bernadete Palmerim Ramos tem 53 anos e iniciou sua vida profissional aos 11 anos, trabalhando como babá, depois como empregada doméstica e com o passar dos anos desenvolveu diversas atividades para sustentar-se, até que, em 1999, tornou-se concursada pela primeira vez. Atualmente, trabalha como professora na Rede Estadual de Educação do Amapá e se auto define como uma pessoa “resistente”.

**“O SISTEMA PODE ATÉ ME TRANSFORMAR EM
EMPREGADA, MAS NÃO PODE ME FAZER RACIOCINAR
COMO CRIADA” (YZALÚ)**

1964: Eu nasci, meu nome é Maria e as terras que me pegaram no colo ainda não foram declaradas Quilombo pelo Estado, mesmo sendo “coisa de preto”. Menina dos olhos de meu pai, fui a primeira de seus descendentes que veio ao mundo, apresentei então para minha mãe o mistério da vida a qual ela iria vivenciar por mais oito vezes.

Desde muito cedo aprendi o conceito de dividir, pois na casinha de madeira em que morávamos, feita de assoalho, uma digna do interior, a comida era quase sempre contada: meio pedaço para cada um.

O destino não foi tão bom comigo e meus irmãos, meus pais se separaram e com 14 anos eu já me via a muitos quilômetros da minha família, ali começava a minha saga, trabalho infantil já era proibido, mas eu como muitas outras Marias fui trabalhar de doméstica para garantir o mínimo: um prato de comida.

Esses pratos garantidos me privaram muitas coisas, a maioria das vezes quase me privaram até a dignidade. Na adolescência andei suja, mal vestida e descabelada, tudo “coisa de preto”, por onde passei nunca se teve preocupação comigo, fui mais de uma vez jogada aos restos e foi aos trancos e barrancos que as minhas “coisas de preto” viraram resistência.

Passei por muitas casas, brancas, limpas e burguesas, casas que não me couberam porque eu grande como sempre fui, não sabia, mas assumia o estereótipo de negrinha abusada, que não sabia o seu lugar e que não aceitava ser subalterna, ou melhor, que não aceitava ir para o tronco, afinal a escravidão já havia “acabado”.

Passei várias vezes pela mesma série, o meu “estilo de vida” só me desmotivava, todos os dias eram batalhas intensas. Na escola, a professora disse que meu nariz puxava mais ar por causa do seu formato, os colegas o apelidavam “carinhosamente” de nariz de tomada, e eu? Me sentia cada vez mais sem rumo.

Eu tomava doses de racismos diárias que me causaram efeitos colaterais a longo prazo, por muito tempo não me amei, enfiaram em mim, contra a minha vontade sentimentos maus. Sobrevivi a toda a anulação que a vida me proporcionou, fiz de todas as dores um escudo e já na maturidade fui para guerra!

Comecei a guerrilhar contra o sistema. O primeiro exercício foi me amar, o segundo faz parte do primeiro: comecei a estudar, e o terceiro foi galgar meu lugar no mundo, lugar esse que agarrei como missão, atualmente tenho alunos e tento os mostrar todos os dias que nossos caminhos são trilhados por duas coisas fundamentais: respeito e educação, só com esses dois instrumentos que julgo divino, pode-se mudar o mundo.



*Com feridas ainda abertas, a dona desta história irá responder pelo pseudônimo de **Maria** porque não deseja ser identificada. Tem 47 anos e é natural do Amapá. Se auto define uma pessoa “forte”.*

PERTENCER OU NÃO PERTENCER? EIS A QUESTÃO

Era domingo de Páscoa e o Sol não estava tão quente como de costume, quando comecei a lembrar-me de minha infância, flashes de uma vida que carrego comigo, mas que não é mais minha, há tempos a revoguei de minha história.

No momento em que eu me recordava sobre o que foi ser filha para mim, estava rodeada pelos meus, todos muito diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos comigo, entre filhos e netos, o meu ninho estava sempre cheio, e era incessantemente alimentado com amor. Amor esse que eu não tive em casa quando criança.

Meus pais e irmãos tinham casa, comida e roupa lavada, mas eu? Eu não tinha nada. Até hoje eu não sei os motivos de tanto desamor comigo, mas era o que eu sentia. Seria eu a ‘bastarda’ da família? Sinceramente, não sei.

Quando se semeia vento, colhe-se tempestade: Passei parte da vida me perguntando onde estava minha família, “a verdadeira”, pois era inconcebível que aquela família a qual eu não sentia pertencimento algum fosse minha.

Sem mãos esmeras que me guiassem, eu ia pelo meu caminho e fui aprendendo a andar sozinha, mas quem aprende com a vida, também apanha: fui ganhando amores, conhecendo sabores e navegando em mares desconhecidos, por vezes me afoguei, por vezes ainda me afogo, mas ainda vivo.

Aos dezessete ganhei um presente, que frequentemente era olhado com estranheza, eu não estava mais sozinha e depois de tantos anos a desbravar, achava minha família e a carregava no ventre.

A dádiva da vida: abençoei o mundo com a benção de Deus por dez vezes, deixei de ser “Maria das Dores” e me tornei “Maria dos amores”, vivo dias infinitos e luto para que cheguem ao fim, vivo dias ruins, mas também vivo dias bondosos porque agora sei quem sou no mundo, sei porque vivo aqui e por quem luto.

Trazer vidas ao mundo me trouxe também a família que eu sempre quis ter, me trouxe amor, me trouxe cuidado, e me trouxe carinho. Cada filho é feito de uma alegria e uma tristeza diferente, cada um, um mundo. Quando todos juntos: meu mundo. Por eles travo batalhas e venço guerras.

Enquanto minha história não termina, vivo os dias infinitos, tenho o coração grande e abro espaço para quem vier, pego um vento e jogo dominó com os meus meninos em uma tarde qualquer, seja de abril ou de setembro.



Maria de Nazaré Farias do Nascimento é graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará. É natural do Pará, mas reside no Amapá, segundo suas contas, há mais de trinta anos. Dona Nazaré viveu grande parte de sua vida em terras tucujus e se auto define como uma mulher “vencedora”.

O MEU PÓ NÃO SAI!

Misturados, mas nem tanto, nascemos, eu e meu irmão, filhos de um pai negro da pele retinta e uma mãe que carregava traços nórdicos, cabelo liso e pele bem clara. O sonho da minha avó materna que não gostava de pretos assumidamente era que tivéssemos ao menos a pele “descascada”, mas assim como meu pai, viemos ao mundo cheios de melanina, dos cabelos crespos e da pele retinta.

Meu pai, ainda novo faleceu, a família dele não nos acolheu e depois da inesperada tragédia de perdê-lo, passamos a ser membros somente de nossa família materna, aquela que era classicamente branca, todos donos de cabelos dourados, mas os nossos não.

Ao longo da vida aprendi que lidar com os racismos no mundo se torna muito mais fácil quando ele já existe dentro da família, e logo ouço em uma breve apresentação “esses são meus netos e são os únicos pretos que gosto”, mesmo que a frase me chamasse atenção, não me causava estranhamento, não me parecia racismo, me soava natural.

Eu achava até tranquilo minha avó não gostar de outros pretos, já que de mim e do meu irmão ela gostava, nada demais, talvez ela tivesse aprendido assim, eu não sabia o que a motivava, mas ela me amava, então tudo bem.

Eu carregava comigo muita inocência, ainda pequena, não sentia na pele que ser preta era um problema, ainda não sinto, mas entre tantos epi-

sódios da novela que é viver, o que mais me marcou foi o “eu não tenho prima preta!”.

Pequenas, estudávamos na mesma escolinha do bairro, quando houve a primeira negação de parentesco de minha prima para comigo “Eu não tenho prima preta”. Magoou-me muito saber que aquilo importava para alguém que eu amava, porque diferente do racismo de minha vó, esse me destratava, e essa foi a primeira experiência racista que senti literalmente na pele.

“Eu não tenho prima preta”, senti por algumas vezes que minha prima me odiava, eu não entendia e depois de um tempo já até achava graça, andava ao lado dela e ainda exclamava “esse pó aqui não sai” referindo-me a minha pele.

Passaram-se os anos e minha prima entendeu que tem prima preta, passaram-se os anos e eu ainda vivi muitas outras situações racistas, algumas até bem piores do que ouvir uma criança falar besteiras. Todas as vezes que conto o episódio “não tenho prima preta!” acho divertido, já vivi muito, passei por cima de muitos episódios, nenhum desencadeou em mim auto ódio.

Passaram-se anos e eu continuo me divertindo, eu enfrento o racismo de forma diferente, mas não posso afirmar que todo mundo é consciente de si, deixo escrito por onde passo: quem tem que mudar é a sociedade, porque o meu pó não sai.



Ana Carolina Magalhães Gonzaga tem 25 anos, é amapaense, graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Amapá e atualmente é mestranda no programa de pós-graduação em Filosofia da UNB. Ana enfrentou muitos preconceitos em sua vida escolar e ainda assim optou pela docência como carreira profissional. Ana Carolina se auto define como “catarse”.

“GRITARAM-ME NEGRA”, E NESSES GRITOS NUNCA HOUVE AMOR

Nasci com a pele preta, mas ainda quando criança, se me houvesse possibilidade de escolha, trocava por uma pele branca, ainda mais eu: cabelos crespos, lábios carnudos, “nariz chato”, como tantas outras crianças por aí, uma negra retinta.

Ser quem eu era nunca me pareceu bom, ainda mais porque a “beleza negra” que tanto se fala por aí era grande motivo de chacota no lugar que eu quase morava, lugar que os professores diziam ser minha segunda casa.

Narrarei agora o que é ser uma criança negra na escola, e diferente de tantas estórias, o que vos falo aqui não é lenda. Algumas pessoas têm vivências maravilhosas nesse lugar, outras, como eu, jamais escolheriam morar em uma floresta de tortura, onde tudo que era plantado era ódio, nascia ruim e crescia estragado.

Onde era plantado? Alguns dias em mim, alguns dias em outras, mas tudo que se sabe era que eu quase nunca sentia a sensação de fraternidade. A vida escolar começa muito cedo, e nesse momento ainda estamos entendendo quem somos no mundo, então logo no início da vida me fizeram sentir que eu estava no mundo errado, no lugar errado e com as pessoas erradas. Deveria uma criança preta e não rica estar no mesmo lugar que crianças brancas e bem abastadas financeiramente? A impressão que eu

tinha e que muitas vezes tornei verdade era que não, mas foi o que minha mãe escolheu para mim, mães sempre escolhem o melhor para seus filhos.

Geral gerou ódio: dizem que Newton explica, vamos ver.

A Primeira Lei de Newton diz que uma partícula pode receber ação de várias forças. Mas desta vez não será preciso usar fórmulas matemáticas para entender, eu era a partícula e o mundo externo era a força se fazendo completamente embranquecida: meu cabelo não prestava, meu rosto era feio, eu não era nada. Forças não nulas, somadas a mim, resultado: uma partícula em desequilíbrio.

Na Segunda Lei de Newton falarei da velocidade que é gerada pela aplicação de força à partícula: Newton explica que a velocidade é diretamente proporcional a força aplicada, ou seja, os racismos que sofri na escola cresciam dentro de mim com a mesma força que meus colegas me discriminavam. Aprendi com a força deles a não ser forte, uma partícula em desequilíbrio, um alguém que não gostava de si mesmo.

Leis à parte, a infância e a adolescência foram períodos de desolação: sem amigos, sem namoradinhos, sem vida social, sem autoestima, sem coragem, sem grandes descobertas sobre mim, eu sabia somente que viver ali não me trazia felicidade.

Terceira Lei de Newton: para toda ação existe uma reação. Considere então toda a trajetória que aqui foi contada, considere a velocidade do ódio que fui adquirindo ao viver em um ambiente desonesto comigo. Imagine uma menina adolescente, agora concentre-se e ouça: “Tirando o rosto o resto presta”. Finalmente comecei a reagir, não porque eu já gostava de mim, ou porque eu era consciente, mas é que todo copo quando

está cheio transborda. Agora além de preta, feia e indigna eu era a negra raivosa.

Saí da escola com muitos traumas, quase que acostumada a carregar a sensação de me sentir anulada. Eis que um belo dia descobri que a vida era cíclica, vivíamos novamente a Primeira Lei: Forças a serem somadas.

Já na juventude, adentrei a universidade, depois de tantos trancos a serem enfrentados, eu estava fechada para pessoas, mas aquele espaço era diferente, existiam pessoas como eu, mas que diferente de mim, auto afirmavam suas negritudes, lutavam por isso e gritavam às suas: “toda negra é linda”, aquilo para mim era novo, desconhecido, porém forte, voraz.

Muitas forças somadas. Não sou mais uma partícula em desequilíbrio. Toda negra é linda. Eu sou forte. Ainda sofro. Ainda existe dor, mas também existe luta. Cresço constantemente. Minha floresta agora tem campos de girassóis. Ainda não me deixaram ser totalmente livre, mas sempre que posso quebro correntes.



Mayara Teodoro tem 27 anos e é natural do Oiapoque, mas aos vinte anos mudou-se para a capital amapaense. Na tentativa de melhorar de vida, Mayara iniciou a graduação mais de uma vez e desde 2016 cursa Ciências Sociais na Universidade Federal do Amapá. Ela se auto define como “resistência”.

DEU TUDO ERRADO...

Sem eira, nem beira: Eu não tinha nada além de muita esperança quando resolvi viver uma vida diferente da que eu tinha, quando resolvi que a realidade em que eu me encontrava não me bastava e fui procurar outros rumos.

A inocência de quem sempre foi guardada do mundo pelos olhos da fé, ou da religião, se assim você preferir chamar, me fazia ter muitos sonhos, e foram esses sonhos que me fizeram conhecer chãos diferentes dos que meus pés já haviam pisado. O que eu não sabia, era que nesses chãos eu encontraria muita violência.

O sonho que eu mais cativava em mim era o de fazer o ensino superior, foi o meu propósito inicial de vida naquele momento, e eu pensava “Se Deus quiser vai dar certo”, e por três vezes deu tudo errado, isso porque o chão que era farto de conhecimento foi atropelado por outros chãos que a vida me fez conhecer à força.

Assim como Cazuzza, eu queria “a sorte de um amor tranquilo”, e entre os encontros e reencontros da vida, conheci alguém que chamei de amor, e na inocência do meu caminhar me deixei levar para chãos que eu jamais havia pensado em pisar.

Em pouco tempo, eu havia deixado de ser só eu, me tornei esposa e, de forma indesejada para as circunstâncias, mãe. A experiência de trazer alguém para este mundo poderia ter me levado a um estado de graça, mas

foi cheia de dor e me causou transtornos irreversíveis. Não falo da dor de parir, porque para trazer meu pequeno ao mundo, a sentiria novamente quantas vezes fosse necessário, falo da violência que se sofre ao parir. E deu tudo errado... porque não tive acompanhante, porque não tive cuidado, porque na mão da saúde pública, meu parto foi só mais um parto, e se eu morresse seria só mais um corpo esmagado pelo Estado. Consequências: “ponto do marido”, um mês sem andar, e uma dependência que gerava vários constrangimentos e muita violência.

Passados os momentos traumáticos, eu me questionava: E agora? Como eu ia lidar com tantos chãos? Com tantos caminhos para escolher? Afinal, não se pode pisar em várias estradas ao mesmo tempo quando só se é um. E isso, o mundo ao redor fazia questão de deixar claro, eu podia até ser esposa e mãe ao mesmo tempo, mas esposa, mãe e aluna, jamais.

E foi assim que todos os lugares por onde passei começaram a me desafiar. O primeiro desafio enfrentei em casa, com um homem que dizia me amar, mas não aceitava a possibilidade de eu estudar, nunca entendi porque o meu crescimento intelectual poderia ser uma ameaça e depois que deu tudo errado, decidi largar o papel de esposa e protagonizar a vida de mãe e aluna.

Mas ainda era inaceitável que eu fosse mãe e aluna, e o primeiro preço que paguei por isso foi ser expulsa de uma sala de aula porque meu bebê fazia barulho demais, conseqüentemente, deu tudo errado, fui indiretamente expulsa da graduação, porque onde eu deixaria meu filho se agora eu caminhava sozinha?

Ao longo da caminhada os obstáculos iam surgindo, passei na federal de onde eu morava, e utopicamente, pensei que que aquela universidade iria me tratar de forma mais humanizada, pensei errado. Mais um desafio,

mais um árduo caminhar, ser mãe novamente se tornava um problema, não para mim que lutava com todas as forças pela minha sobrevivência e pela sobrevivência do meu filho, mas sempre para os outros, que não me aceitavam nos espaços de disputa, naquele ambiente, eu jamais poderia ocupar qualquer espaço mínimo de poder.

Eu tinha tudo para desistir de ser aluna, porque depois que conheci o amor de mãe, jamais desistiria de tê-lo e senti-lo, e graças a um desafio pejorativo que me foi proposto, dessa vez, não deu tudo errado, não pude desistir da universidade, transformei a minha dor em motivação, e para o azar de quem me desafiou estou pronta para ocupar todos os espaços que compulsoriamente me são negados.

Ainda vou encontrar muitos chãos que irão fazer dar tudo errado, e assim como nos chãos passados, irei saudar o aprendizado, pois agora, não tem desafio blindado que me segure, o meu destino está traçado por mim, eu desenho os meus caminhos, e se o chão for feito de barro, eu sou pedra resistente.

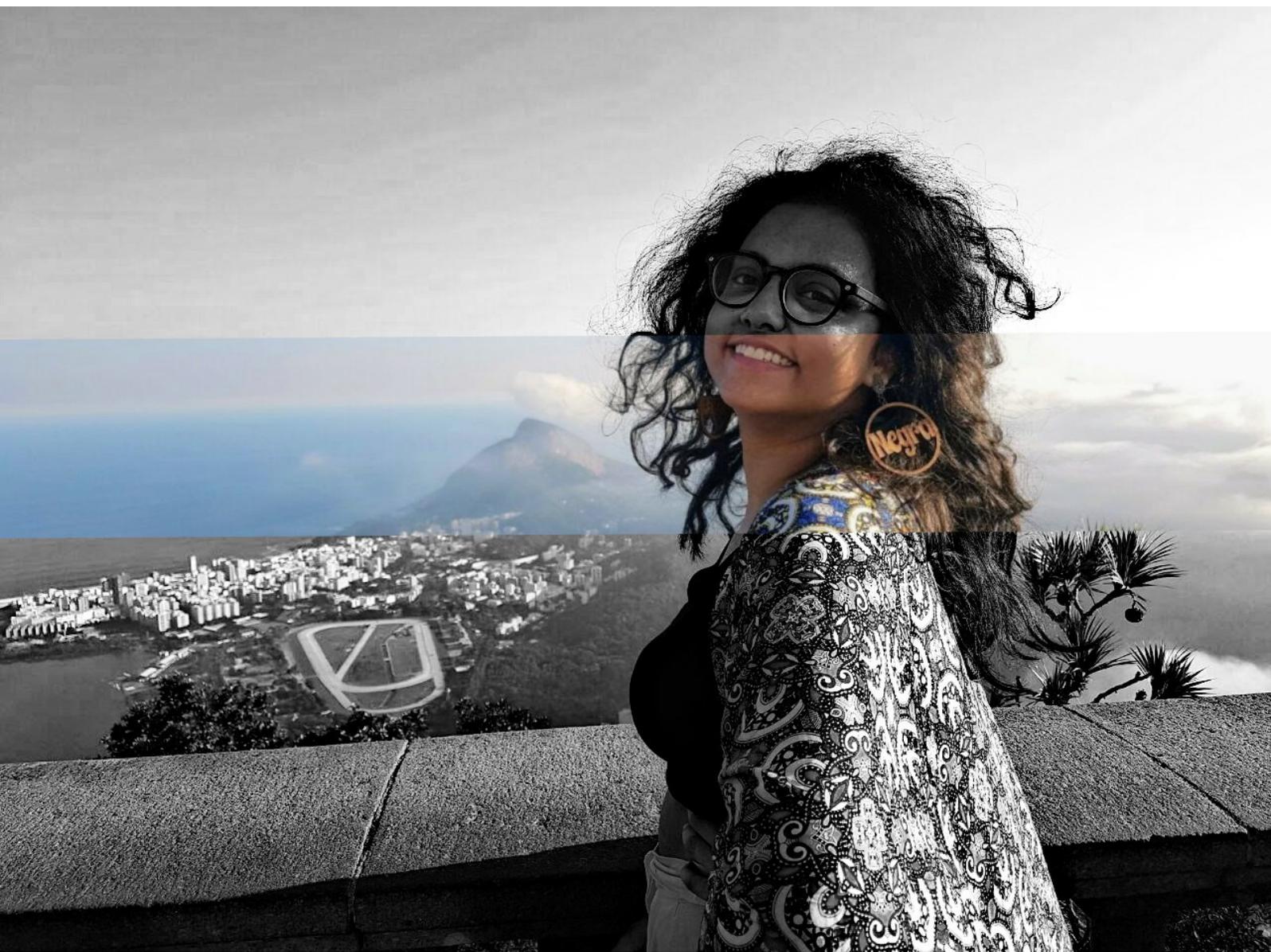


Foto: Arquivo Pessoal

*“Nem negra eu era” foi inspirada nas experiências de vida da Antropóloga **Cibelle Canto Bastos**, após entrevista via whatsapp. Cibelle tem 26 anos, é natural de Macapá e atualmente reside em Brasília, é ativista do Movimento Feminista e se auto define como uma pessoa “determinada”.*

NEM NEGRA EU ERA...

As pessoas não gostam de ser negras, justamente porque é um fardo muito pesado, e na minha família não seria diferente, “todos miscigenados”, nada fora da realidade do Brasil, onde segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 54% da população é preta ou parda, e mesmo assim, no Brasil todo “mundo é miscigenado”.

Como muitos que conheci pela estrada, o direito de ser negra sempre me era retirado, a existência da negritude que havia em mim era a todo momento rechaçada por processos de embranquecimento: O meu cabelo até era bom, mas tinha que alisar porque já viu né, cabelo de preto, quando não tá preso, tá armado. E eu nem preta era, então, para que cabelo de preto, né? Alisa ele. Ah, mas eu era tão linda, nem parecia que eu tinha aquela cor, meus traços eram tão finos... tão traços de pessoas brancas... eu tinha aquela cor, mas... Preta eu? Que loucura, no máximo, moreninha.

E assim eu fui afirmando uma identidade confusa sobre o meu lugar no mundo através de um processo de desafirmação sobre o que é ser preto, e ainda assim, mesmo “miscigenada” não me vi livre de racismo sequer uma vez.

Nos relacionamentos amorosos é sempre muito fácil ser trocada por uma mulher branca, na vida acadêmica a minha fala é sempre menos importante do que a do colega fascista que acha que lugar de preto é na senzala, já tive muitos amigos “não racistas”, que me amavam, mas que nunca entendiam a minha visão de mundo e que por isso me expunham ao

ridículo: “olha como ela é exagerada, as coisas não são assim, você que é intensa demais”. E eu, por muitas vezes, nem sabia diferenciar o que era e o que não era racismo, afinal, nem preta eu era.

Mas as andanças que a vida nos proporciona fez com que eu, pelo meio do caminho, encontrasse um ou outro espelho pela rua. Certa vez me vi em uma professora, negra e antirracista, eu não sabia o que a mo-
via, mas era algo que começou a me mover também, nossas histórias nem parecidas eram, ela se autoafirmava negra e eu ainda não, mas como boa mestre, ela fez com que um sentimento desabrochasse em mim, eu ainda não o sabia explicar, mas sentia e sentia forte.

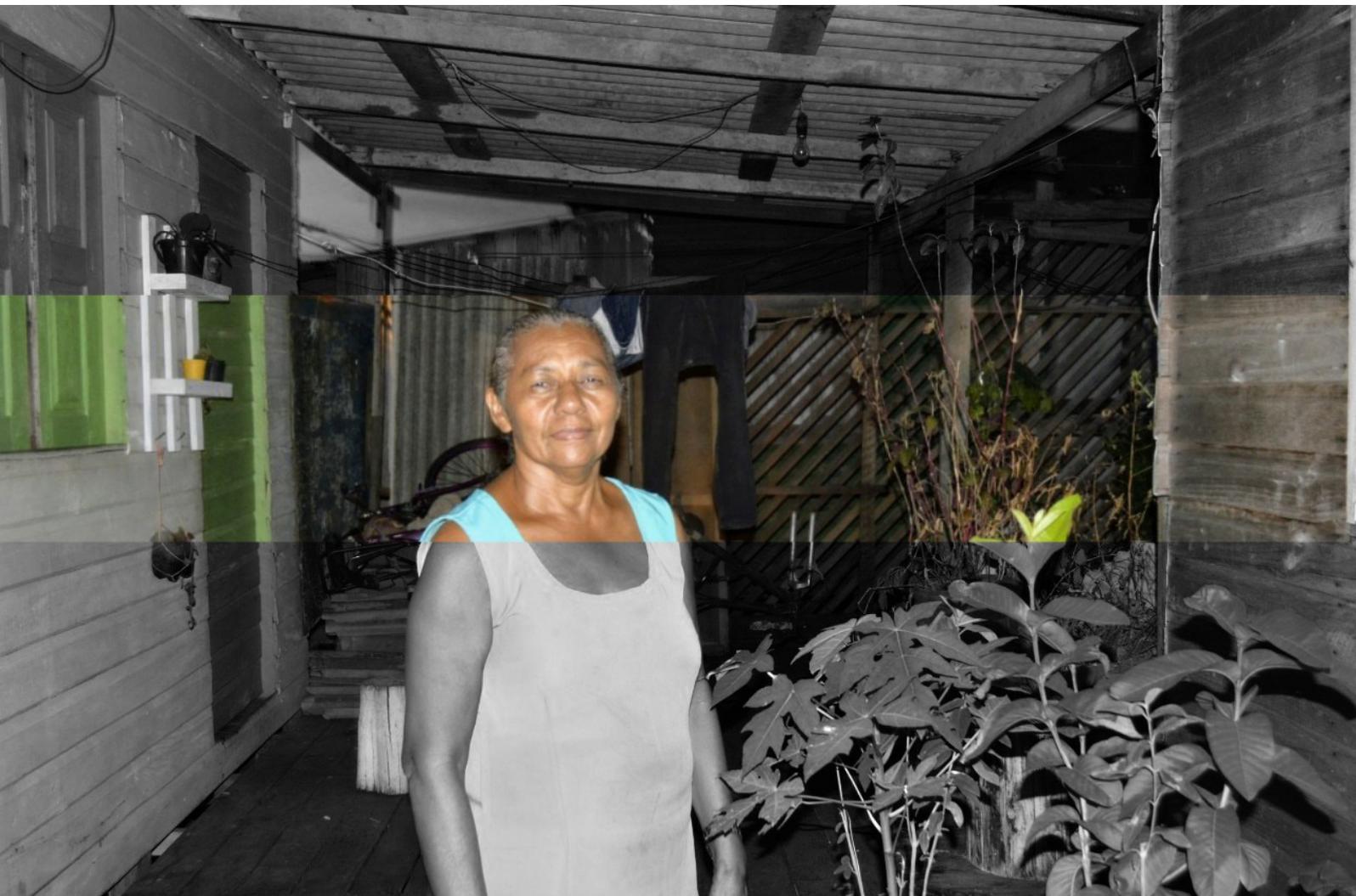
Ainda a encontrar espelhos, numa conversa aqui e ali, numa partilha de experiências, numa vida de trocas, comecei a me enxergar em outras e enxergar outras em mim. Os espelhos eram mulheres, que compartilhavam estórias muito semelhantes às minhas, mas que “diferente” de mim, eram negras.

Tudo que eu via nos espelhos era repleto de muita dor, mas também tinha uma presença muito forte de resistência. Era algo que me comovia e que eu me identificava muito. Certo dia, olhei para um espelho e comecei a questionar fortemente: como assim “nem preta eu era”? Se eu sentia que elas faziam parte de mim e eu fazia parte delas? Fazia tempo que, internamente, eu estava a me indagar, mas me faltava coragem para enfrentar o pacote que vinha junto com as desamarras da verdade.

Ser negro é difícil, e se assumir negro é mais difícil ainda, “miscigenados” sofrem preconceitos e pretos fortes sofrem silenciamentos, porque não se é permissível que preto pense, que preto fale, que preto lucre, que preto tenha uma vida digna. Trilhei por muito tempo um caminho branco, não por que eu escolhi, mas porque foi me imposto. Hoje, depois de tantos espelhos bonitos e repletos de vitórias, eu estou aqui e aprendo todos

os dias como me auto afirmar uma mulher negra, forte e independente.

Nem todos os dias sou forte, mas todos os dias sou negra.



Luiza Rodrigues de Souza Silva tem 61 anos e é natural do município de Santana do Araguaia – PA, mas ainda na mocidade casou-se e veio fazer morada nas terras tucujús. Chamada de Antônia ou carinhosamente de Tônia no Congós, bairro onde reside na periferia de Macapá – AP, se auto define como “vitoriosa”.

A FELICIDADE É SIMPLES

Existiram dias que fui muito feliz, outros que fui preocupação, existiram dias que fui boa em tudo que fiz, outros que causaram decepção.

Todos aqui onde moro me chamam de Antônia, mas na verdade, meu nome é Luiza, que por ironia do meu destino, significa “batalha ou guerra”. Destino esse que escolhi receber de coração aberto, e ainda que eu não quisesse o que a minha sorte trazia, aceitei e talvez ainda aceite sem pestanejar.

Conformei-me com coisas que nem sempre eu quis. Ainda moça vivi feliz no meu lar raiz. Mãe, pai e irmãos cheios de calma e amor, até que o destino ou a regra de um jogo que eu ainda não sabia jogar me convenceu que já bastava daquela liberdade que eu gozava na mocidade, e que já estava na minha hora de casar.

Eu não queria, mas também não sonhava, então acolhi o destino que me abraçava e fui ser esposa; De novo, fui feliz, e só depois de mãe o jogo da vida começou a colocar para mim batalhas que deveriam ser vencidas.

Nesses anos vividos, trouxe ao mundo seis filhos, que aqui ou lá, me colocaram para pensar, refletir, amar e muitas vezes fazer coisas que não eram de meu costume, como sonhar.

Ao longo dos anos, um dos meus meninos bateu asa e voou. Depois de um tempo longe, chegou aqui na minha varanda uma notícia que me desesperou, ele havia sido preso por uma pequena confusão na qual tinha

se envolvido. Mal sei dizer como ou porque aconteceu, mas meu coração de mãe rapidamente se entristeceu. Eu no norte do país e ele no centro-oeste. Do Amapá a Cuiabá o chão a ser percorrido para lhe socorrer não era nada, mas dinheiro me faltava. Mais uma vez o destino me pregava uma peça a qual eu não esperava, mas de mãos atadas conformei-me novamente, outras mãos socorreram meu filho, um bom advogado, um bom amigo, gosto de liberdade para ele, gosto de felicidade para mim.

Nesses dias tenho pensado: com seis décadas de vida e seis filhos muito guerreiei, porém muito fui feliz, sequer sou de falar, começo e acabo a mesma conversa num instante, e entre uma palavra ou outra, dou sorrisos. Depois de tanto viver, aprendi a gostar da simplicidade da vida e a guerrear sem medo quando for preciso, mas quando não tenho mais armas para usar, como por exemplo quando o dinheiro me faltou para ajudar meu menino, recorro à Deus, e em suas mãos, está sendo feita a sua vontade. Nem sempre conformar-se é ruim, às vezes, conformar-se é paz.



Priscila Vaz Teixeira tem vinte e nove anos e diz que desde pequena gosta de chamar atenção. Nasceu e foi criada no município de Amapá -AP, onde desenvolveu o amor pelo ofício de Miss. Atualmente, a professora de língua portuguesa é também princesa de bateria da Escola de Samba Piratas Estilizados. A autoestima de Priscila deu origem a esta “Reza”, onde seu relacionamento com a beleza e o amor são valorizados, afinal, amar-se é um ato político.

REZA

Meu nome é vaidade

Meu desejo é ter sua admiração

No meu espelho você consegue enxergar bondade

As paredes do meu quarto são amarelo ouro

Peço à Deus, nosso senhor, sabedoria, perseverança e garra

A minha reza é para ver os meus com a alma serena

Nasci e me criei em uma cidade pequena

Amapá é o meu lugar

Amapá na língua Tupi é o lugar da chuva

E eu sou um rio de alegria

À minha terra tenho gratidão

Aos meus pais tenho amor

Carrego comigo o título de princesa

É na frente da bateria que eu mostro meu samba

Me olhe, me veja, me perceba, alimente-me

Espere...

Vou colocar o meu turbante para que assim perceba que eu estou

aqui

Tamanha vaidade nunca fez mal para ninguém

Minha mãe segura em minhas mãos e vem, quando recebo o título,
ele é dela também

Se chegares por aqui sentirás o meu carinho

Sou cheia de mim porque fui cheia de amor

Amor esse que me transborda

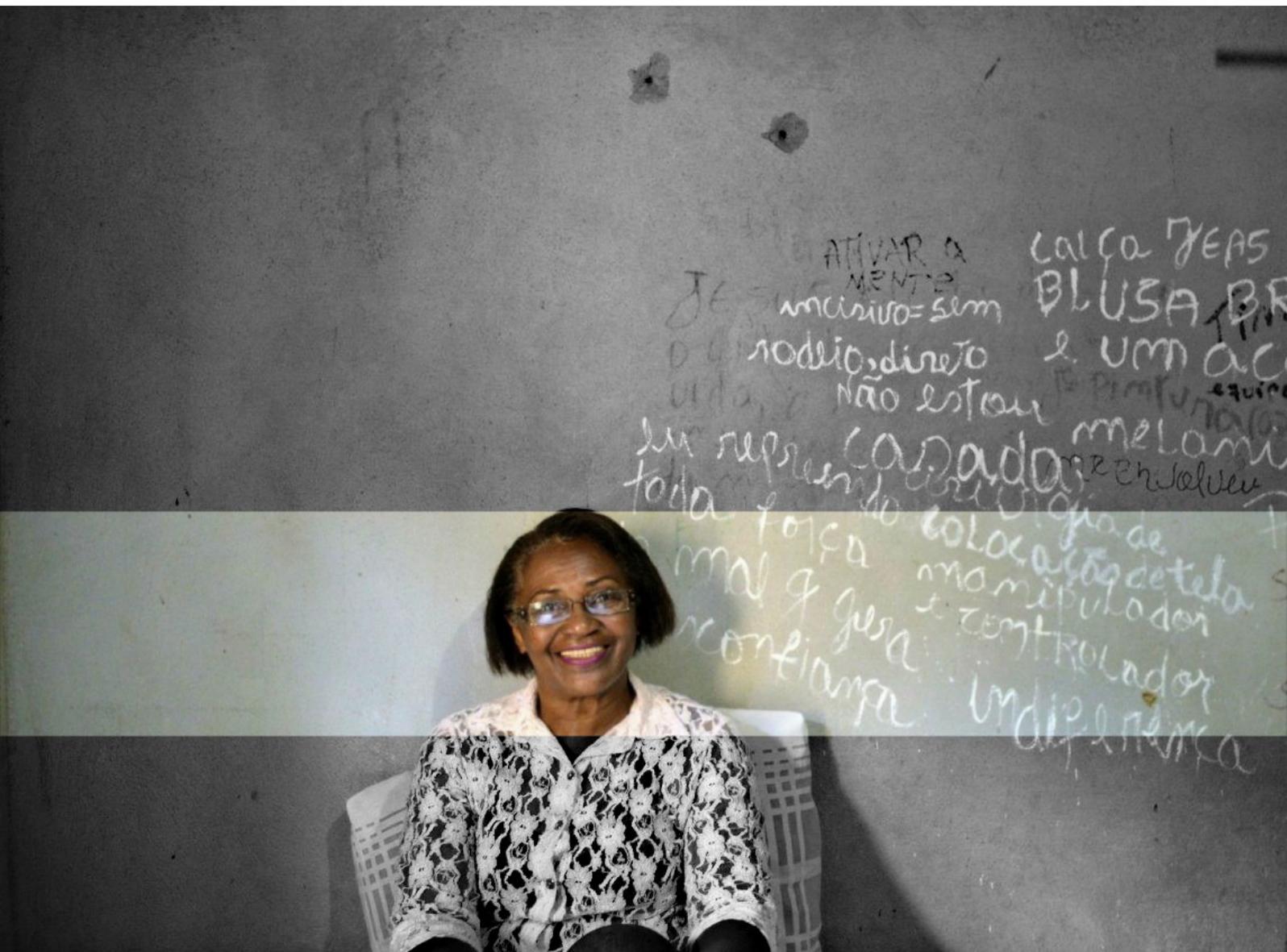
Não farei o que quiseres, afinal, toda flor tem espinho

Vou chegar e sair sorrindo

Mas respeite-me e não ouse gracinhas comigo

Eu sambo na luz e peço que ela me acompanhe

Quando me vires por aí, não me julgue pela minha vaidade, ela nunca fez mal a ninguém.



A pedagoga Feliciano de Jesus da Silva Ramos nasceu na comunidade quilombola não regularizada Campineiro, no município de Macapá – AP, tem 62 anos e atualmente cursa psicologia e reside na capital amapaense. Jesus, como gosta de ser chamada, se auto define uma pessoa “persistente” por nunca desistir dos seus sonhos. Sua história de vida inspirou a crônica a seguir.

SE MAL ME QUERES, BEM ME QUERO

Quando se começa a construir a própria história muito cedo, a possibilidade de erros se torna bem maior do que a de acertos, mas a vantagem de estar viva e de manter dentro de si mesma a chama da vida é justamente a experiência para poder mudar o rumo da caminhada...

Dizem que herdamos muito dos nossos pais, mas eu, logo no início da minha caminhada, quis me despir da sabedoria de minha mãe. Troquei o caixote das virtudes que me eram ensinadas em casa por um caixote cheio de desobediência e malcriação, e dessa forma, depois de muito espernear, fiz o que quis sem me preocupar com o que estava por vir.

Aos dezessete anos já tinha síndrome de quem sabia tudo, de quem conhecia o mundo e para fazer o que eu quisesse enfrentava quem precisasse enfrentar, inclusive e sempre, minha mãe. Cheia de mim e com muita teimosia conturbei uma relação que hoje reconheço e honro de forma celeste, nesse tempo, semeava no vento, que para sair de onde era lar, eu ia arrumar “casa e marido para cuidar”.

Então chegou a hora da colheita, e não deu tempo de namorar, porque no primeiro romance tive surpresa de engravidar, casei e fui viver em função de outras vidas, nunca mais da minha. Nos filmes, casar nunca me pareceu ruim, na casa dos meus pais também não, mas o meu casamento não teve véu, grinalda e juras de amor, sequer teve fidelidade, sequer teve companheirismo, sequer teve cuidado, para mim e meus filhos. O marido

que tinha em casa trazia comida e nada mais, negou-se amor, negou-se educação e até o sobrenome nos foi negado. Na certidão, minhas crias são resultado de carreira solo, e como tantos nesse Brasil a fora, sem registro de paternidade.

Aos poucos, fui sendo intimada pela necessidade de trabalhar fora, porque comida é muito importante, mas não é só. Trabalhar foi o meu primeiro passo para mudar de vida, e algumas vezes encontrei pessoas que iluminavam meu caminho, como por exemplo, uma amiga que pediu “por favor” para que eu cuidasse um pouco mais da minha própria vida. A partir daí resolvi virar a página “maridos e filhos” e me deparei com um capítulo onde eu era a protagonista.

As paredes do meu quarto viraram um grande diário e a cada conquista eu anotava coisas que para mim eram importantes. No meu processo de “bem me querer” tive que lembrar quem eu era e quem eu estava me tornando, quem eu deixaria para trás e quem eu permitia que seguisse comigo.

Já com meio século vivido voltei a estudar e estudar me fez perceber o mundo de uma forma diferente. O conhecimento fez com que eu me sentisse livre, que eu conseguisse me desprender de muitas amarras que antes eu não tinha força ou autoestima para correr atrás. Através das minhas lutas conquistei autonomia, conquistei coragem, e ainda tenho muitas coisas para conquistar e desbravar neste mundo. Hoje sigo livre.

“A vida já me bateu com tanta força que eu aprendi a resistir, mas tudo o que eu passei foi aprendizagem” ... (Feliciano Jesus, 2018)



*Aos cinquenta e nove anos, **Zuleide Brito de Oliveira** achava que não havia superado nada, até que ao narrar sua própria história descobriu que é uma vencedora. Natural do município de Pracuúba – AP, dona Zuleide tem como maior diversão a dança e se auto define uma pessoa “Livre”.*

AGORA EU POSSO SER FELIZ

É estranho perceber que a vida foi sofrida. Às vezes me pergunto o que superei e a resposta que tenho de mim mesma é um eterno “não sei”. Cheguei a pensar que talvez não houvesse superado nada, mas depois de viver tantas coisas nessa dura caminhada, ter alegria para viver me basta.

Espero não lacrimejar, já que percebo minha garganta fechando para falar de mim mesma. Eu e tudo o que sou é proveniente do lugar que eu vim. Tive cedo, ainda com doze anos, um pai que foi chamado aos céus. Depois de sua partida, tudo mudou, ficamos eu, sua viúva que era minha mãe e seus filhos, meus outros dois irmãos. Três anos depois, minha mãe casou novamente, e eu após uma boa surra, fui mandada para fora de casa, não sei ou talvez não queira lhes revelar o motivo que ocasionou minha partida, mas o não retorno foi de responsabilidade minha. Jamais me sujeitaria a novos episódios de violência, pelo menos era esta minha pretensão.

Mas com quinze anos não há muitas opções de escolha. Saí da casa de minha mãe e fui morar com minha tia. Já era mocinha quando comecei a ser cortejada e também a perceber que aquilo não me agradava.

Ninguém acreditou em mim...

Dia desses eu vi no jornal que a maioria dos abusos acontecem dentro de casa, nada que eu não soubesse. Era meu primo o rapaz que ousou tirar minha inocência, não muito mais velho que eu, mas que me perse-

guia pelos cantos da casa. Eu até tentei me defender, falei para minha tia o que estava acontecendo, mas nada adiantava, só deixou de ser mentira e virou verdade quando eu apareci grávida. Mas olha, eu tô sendo sincera, “eu fui tipo assim, meio que estuprada”.

Aí, depois do mau feito, mais uma batalha me esperava. Ainda era nova e já era mãe, mas me virei, fui morar com meu irmão e depois que o segundo marido da minha mãe faleceu ela veio morar conosco e acabou me ajudando na criação.

Falar da minha vida me traz um certo peso, sinto que nunca me deram valor, apesar de minha certeza sobre a quão preciosa é minha existência. Coisas que poderiam ser consideradas pequenas em outras vidas, me magoaram profundamente: tive um “namorado roubado”, sentia-me confortável com a sua presença e cogitei casar, já era mãe e precisava de alguém que pudesse de fato me ajudar. Mas ele me machucou, minha amiga o cortejou e eu ao descobrir optei por não relevar. Não namoramos mais...

Seguindo a receita do meu tempo, fui criada para casar e aí não demorou muito para que aparecesse alguém apaixonado com quem desta vez eu decidi tentar. Casei, tive mais outros cinco filhos e muitas traições. Não sei como as outras pessoas sentem, mas em mim brotavam sentimentos de rejeição, insuficiência e tristeza. Abdiqueei diversas vezes da minha vontade para satisfazer quem não me valorizava, ficava em casa, vivia na inércia sem o amor e cuidado que tinham me motivado a ser esposa.

Depois de dias de reflexão ou inquietude, resolvi que não trabalharia mais só em casa e fui cuidar de outros lares, passar, lavar, limpar, e ganhar para o meu próprio sustento. Pode não parecer, mas viver a própria vida e cuidar de si nos dá impulso para seguir adiante.

Uma vida inteira e nossos foi deixada para trás quando ele encontrou um novo amor. Doeu sentir-me rejeitada novamente, mas a vida já se refazia de outra forma, meus filhos estavam criados, cada um cuidando do seu próprio destino. Então deixei o que já não cabia no meu peito partir, e quando ele se foi, levou de mim um punhado de angústia da qual fazia tempo que eu almejava me livrar e não sabia como.

Hoje, não sinto vazio nem em minha cama e nem em meu coração. Sou eu e Deus, vou ou voou para onde achar que devo. Demorou para que eu me sentisse livre, demorou para que a vida fosse leve, mas hoje vivo minha história de um jeito que nunca vivi, agora eu sou dona de mim e sobretudo não tenho medo de sorrir porque o que já se foi não me assombra mais.



Raimunda da Silva Ramos tem 100 anos de vida, é natural do Ressaca da Pedreira, interior da Capital amapaense e reside no bairro do Lagui-nho, em Macapá- AP. Dona Raimunda tem Alzheimer e por isso lembra das partes importantes da sua vida, mas esqueceu os detalhes. Dica, é o diminutivo de “Raimunda” ou “Raimundica” e é assim que Dona Dica é chamada por seus familiares e amigos. Dona Dica é uma festa!

MEU NOME É DICA, DICA DO SANTO

Se me perguntares quem já fui, não te darei certezas sobre meu caminho, pois pouco me lembro, mas ainda estou atenta aos meus, aos que vieram de mim, e que quando estão por perto me fazem feliz.

Não sei o porquê dessa menina estar aqui, perguntando... perguntando... sei que ela é minha, mas não sei seu nome e quando ela um pouco se afasta eu grito “não me deixa sozinha, minha filha”. Todas as vezes que nos vemos, conversadeira ela me questiona “vovó, como a senhora casou? Por onde morou? Foi feliz?” Eu preciso parar um pouco para pensar e depois digo “meu nome é Dica, Dica do Santo”.

Santo não é meu sobrenome, Santo foi meu marido, o homem por quem me apaixonei na juventude e que me deu dez filhos para amar. Toda vez que essa menina me vem com perguntas sobre o “vovô Santo” eu tenho que explicar que faz tempo que meu Santo partiu. Deus veio lhe buscar e eu por muitos anos na dor pedia também para ele me levar, “ai meu Deus, me leva, me leva”.

Eu não sei minha idade não, mas esses meninos aqui de casa dizem que cheguei aos cem, mas eu mesma “num sei”. É tanta gente minha por aqui que eu nem me lembro mais quem é quem, mas caso eu não enxergue ninguém, dou um grito “Maria, cadê tu Maria?” e sempre ouço uma voz de retorno “tô aqui, minha querida”. Se é ela “num sei”, mas meu coração se tranquiliza e eu digo “obrigada, minha filha, que bom que tu

estás aqui comigo”.

Eu já sou “tratavó”, mas nem me lembro muito dos rostos dos meus “titirinetos”, acho que ainda são todos crianças, é muita gente minha, sabe? Essa daqui que fica me perguntando é neta do Nezinho, meu filho mais velho, as vezes eu acho que ele já morreu, faz tempo que não o vejo, mas essa menina me disse que não, que ele está vivo. Esse menino, o Nezinho, sempre foi assim, desde novo ele sumia e ia embora, passava anos para fora e não dava nem notícia, a gente achava que ele tinha “murrido”, sabe? Mas aí ele chegava.

Maria é essa minha menina que cuida de mim, ela já tem idade, virou minha mãe, eu cuidei dela e agora ela cuida de mim. Ela fica brava quando eu digo que ela é minha mãe e me responde “Eu não sou sua mãe, eu sou sua filha”, já pensou? Me respondendo? Antigamente os mais novos respeitavam os mais velhos, não era?

Eu moro aqui no Laginho há muitos anos, mas nasci na Ressaca, “num sabe”? A Pedreira é ali depois do Curiaú, depois do Alegre e depois do Campineiro. Depois que eu casei morei nessas terras aí, tive meus meninos no Campineiro pela mão dos meus compadres, mas eu nem me lembro muito deles. Aí quando eu já estava para ser avó a gente morou nesse Alegre também, até dia desses ainda estava lá no terreno onde moramos numa “bandola de madeira”, caindo de velha. Ali eu vivi história! Agora quem mora lá é meu neto, Isaias, filho do Nezinho, ele gosta é muito de mim, quando me vê, me beija, me beija, e quando para eu grito “de novo, de novo!”.

Ai, eu sei o nome dos meus filhos “tudinho”, vou contar no dedo para vocês, quando der dez, eu paro: “Nezinho, Tatá, Epaminondas, João, Carlota, Maria, Jesus, Xanga, Joaquina e Jorge”. Do mais velho, para o

mais novo. Eu poderia falar um pouco mais dos outros filhos, né? Mas essa menina não me pergunta, aí eu não lembro, mas “a valencia é que ela tá aqui comigo, ela tando aqui, ninguém me mexe”.

Recentemente eu caí no banheiro, o doutor disse que eu quebrei o fêmur, e toda vez que eu acordo pergunto onde é que eu tô, aí esse pessoal fala que eu tô no hospital, é muito ruim, sabe? Eu não sinto mais nem vontade de cantar, mas a Maria canta um louvor as vezes, mas eu queria mesmo era que me tirassem daqui. O bom disso é que vem muita gente minha me ver e eles sempre dizem que me amam. Eu gosto muito que digam que me amam, sabe? As vezes eu só respondo com “obrigada, obrigada” e as vezes eu digo “eu também te amo, minha querida (o)”.

É muita vida, né? É uma vida inteira, mas eu vivi, vivi feliz e me renovo. Um dia, talvez tu me encontre por aí cantando “o sangue de Jesus me lavou, me lavou, o sangue de Jesus, me lavou, me lavou” porque a Maria anda muito por aí e ela me leva, mas não me olha muito, porque senão “eu vou já dar um tapa na tua cara, relaxado”...



Nossas trajetórias nunca serão como em contos de fadas onde felicidades lúdicas permanecem intactas, porque vivemos em mundo desigual, entretanto, desejo que comecemos a entender nossas existências enquanto importantes e extraordinárias. Esta obra não foi meramente uma construção acadêmica, foi um espaço de troca, de aprendizado, por vezes, de cura, de reconstrução de si mesmo e, sobretudo, de humanização.

Anália Ramos, 2018